

TIRADENTES

U M A N O . . .

ELEGIA

Lido em sessão ordinaria por JULIO SALEK.

Senhores, não é, em absoluto, meu intuito descrever a Inconfidência Mineira, que vós todos já conheceis, com profusão de detalhes.

Principiante, que sou, tenho que me limitar a resumir as rotas comentada dadas nos livros.

"A historia é a mestra da vida", disse Cicero. Se assim é, não se resume ela na citação metódica dos fatos e nomes, obedecendo á determinada ordem cronologica. Ela consiste, sobretudo, em apreciar, estudar, criticar esses fatos, tirando deles todos os ensinamentos.

Eis porque sou abertamente contrario á citação exagerada de nomes, batalhas, etc., no mais das vezes, perfeitamente dispensaveis.

Meu desprezioso e modesto trabalho tem por finalidade unica fazer alguns comentarios em torno da figura inolvidavel do Tiradentes, a quem muitos hoje fazem gravissimas injustiças. É possivel que encontre aqui opiniões diversas da minha. Respeito-as, mas com todo ardor rossiavel defendendo minhas idéas, que se não se baseiam nos autores mais acatados, têm ao menos o merito de se basearem na analyse desapassionada dos fatos que ao nosso julgamento se apresentam.

Procuo mostrar o que foi Tiradentes, e espero fazê-lo, não como orador, que não sou, nem com eloquencia, que não tenho, mas sim com o fito de poder provar o que affirmo. Sobretudo espero que meu trabalho não cause a seléta assistencia que me ouve.

Verdade é que muitos anos antes da Inconfidência Mineira, houve muitas revoluções, que atestam a formação da nação brasileira e seus desejos de liberdade. Entretanto aquela, de que foi mártir Tiradentes, representa no Brasil o reflexo da nova mentalidade, representa o que foi a guerra da Independencia nos Estados Unidos e a Revolução Francesa.

É preciso notar que, no Brasil, os vices-reis votavam ao ensino o maior desprezo possivel. Só os que tinham a fortuna de pertencer a familias ricas podiam estudar na Europa.

Cabe-me agora fazer um rapido resumo da Conjuração.

Volta ao assunto, começo o synthese do período da Inconfidência Mineira:

Com o presente número CIENCIAS E LETRAS completa o seu primeiro aniversario. Filho dileto de muitos alunos desta Casa, tendo como programma manter as lidimas tradições do Pedro II, onde por mais de um lustro temos encontrado segundo lar, CIENCIAS E LETRAS estava fadado a vencer. E vencemos.

Vencemos, porque encontramos abrigo no generoso coração dos colegas, que souberam compreender os nossos esforços, cercando-nos de confortante hale de simpatia; vencemos porque os nossos lentos são mestres e amigos e vencemos, ainda, porque o carioca através do seu commercio auxilla decididamente a estudantada.

Não iremos rememorar, como de hábito, o que foi essa trajetória, acidentada, ás vezes. O passado passou e constitui o pedestal do futuro. Olhemos o porvir!

Para continuar a sua afirmação de vitalidade, o Gremio já tem em vista um grande número de projetos. Assim é que, sob o patrocínio do Dr. Antenor Nascentes, o eterno amigo, vamos iniciar uma campanha pró-piano. De feito, não se compreende que o Colegio padrão, a exemplo dos equipara-

dos, não possua ainda esse instrumento impraticavel em qualquer festa literaria-artistica. A idéa do Dr. Nascente, que para nós é precioso brinde, não podia, pois, ter sido mais feliz.



RAUL ARCOS

Presidente do Gremio Científico e Literário Pedro II

Pretendemos, ao fazer realizar, no salão nobre, uma série de conferencias em que serão oradores alunos da Casa. É um meio de desenvolver a redação oral, instrumento inestimavel na vida prática. Que riqueza não representa para um individuo fazer compreender com clareza o seu pensamento! Até

hoje, pareco-nos, tem sido privilegio dos genios. Mas como o genio é uma questão de paciencia...

Para encurtar, além de outros projetos brilhantes, que serão divulgados á medida que se forem realizando, encerraremos o ano letivo com caprichada sessão solene, para a qual não pouparemos esforços, nem tempo. Não adiaremos mais, porque, por enquanto, é segredo.

Claro está que, para levarmos tudo isso a bom termo, contamos com o apoio franco e sincero dos alunos e colegas, que, aliás, nunca nos faltou.

Em suma: ao ingressar no seu primeiro outubro CIENCIAS E LETRAS, órgão do Gremio Científico e Literário Pedro II agradece, de profundo dalma aos grandes cooperadores, mestres e alunos. Aos mestres, estoios de bronze, renovando o apelo, lançado em o nosso primeiro número, que nos enriquecam a biblioteca com suas teses e publicações obras; aos alunos sempre tão nossos amigos, lembrando que o Gremio tem suas portas abertas de par em par para todos quantos pretendam lutar conosco pelo bom nome, nunca por demais louvado, desta glorioso Colegio Pedro II!

procurou mesmo Jefferson, então embaxador em Paris, com o fito de obter o apolo dos Estados Unidos. Não obteve os resultados esperados:

"Despedindo-se do embaxador", diz o erudito professor Rocha Pombo, partiria Joaquim Mala para a capital portuguesa. Comquanto o exito da tentativa não fosse tão completo como esperava, muito longe de desanimar, salu de Minás aquelo nobre e grande coração. Não seria de certo por que se tivesse desiludido dos seus sonhos que ele resolveu voltar para o Brasil".

Simultaneamente, se processava em Minas, por parte dos homens mais cultos uma ação decisiva.

Assim, em Vila Rica, três literatos, os três grandes poetas da até hoje sonhada Arcadia Ultramarina", Claudio Manoel da Costa, notavel advogado e homem de letras, Tomaz Antonio Gonzaga, autor de "Marilla do Direcu" e Alvarenga Peixoto, não menos notavel literato. A eles se juntaram mais tarde muitos outros, cujos nomes com-

portariam uma citação por demais extensa, que não me é permitida pela exiguidade do tempo. Dentre os conspiradores se destacava, como o mais ardoroso, o alferes Joaquim da Silva Xavier, cognominado o Tiradentes.

Em 1788, já se tratava seriamente da propaganda da Revolução.

Em 1789, já no poder o visconde de Barbacena, concertou-se o plano definitivo.

O povo, oprimido pela obrigação de pagamento das dividas atrasadas, saíria, no dia da derama, ás ruas, amotinando-se. O tenente-coronel Paula Freire de Andrade, que já tinha aderido, era comandante da força publica. Saíria com as tropas, sob o pretexto de dominar o motim. Esperaria a noticia da prisão do visconde de Barbacena que seria mandado para Portugal. Então proclamaram-se a Republica.

Tiradentes partiria para a metropolo da colonia.

(Continúa na pag. 9)

"Dizei, snos da terra, em clamores supremos, toda a nossa amargura aos astros donde vimos toda a nossa esperança aos astros aonde iremos".

(BILAC)

I

Ave-Maria... que nostalgia ao badalar daqueles snos, roxos destinos no seu pulsar...

II

Sinos que tangem snos que plangem comigo a dor que verte agora no olhar que chora máguas de amor...

III

O' snos de aço, vos pelo capang me recordats dramas da vida desludida, quando vibraís...

IV

Nos dobras tristes, vós me feristes o coração pois me lembrastes das vossas hastes uma ilusão...

V

Na mocidade mas quem não háde ter ilusões e de alegrias dos mortos dias recordações?

VI

E o som perdura em amargura ainda vibrante sob o dossel azul do céu, agonizante...

VII

Sinos, tangel, porque eu chorei com vosso canto que allviou me quando secou me no olhar o pranto...

(Continúa na pag. 7)

MOSAICO

MÁRIO BARRETO

TIRADENTES

(Continuação da 1.ª pagina)

Os nossos dois caliosos calcos, "Pronome" e "O Atalala, fizeram realizar dois grandes concursos, que interessaram o Colegio em peso. "Pronome", num prelo reutilizado, proclamou a princesa do Externato Pedro II a srta. Alice Correia, gracioso ornamento do 3.º ano C. Ao circular este numero já se deve ter realizado a festa de coroamento marcada para 30 do corrente. Finalizarão a cerimonia abrihantadas danças, animadas por tres barulhentas "jazz-bands".

Quanto ao ATALALA, procura eleger os nossos principes não na beleza fisica, mas na beleza intelectual, prosa ou verso. Os "coupons" tem sido muito disputados e os prognósticos são difíceis. Queremos crer, porém, que o ceptro poetico irá para as mãos de José Guilherme de Araujo Jorge e empuñará o bastão no "sermo pedestris" Gibson Lessa. Cuso scia este o resultado, nada mais justo. A's Allicas, as nossas reverencias.

A cultura fisica no Colegio está em pleno apogeo. Graças aos esforços dos Drs. Henrique Dos Santos e Delgado de Carvalho foi criado o "Club Esportivo Pedro II". Este Club anda de parabéns com a victoria, conjuntos homogêneos e cecos como os do Praia Club, Arcycaim, Rio Americano e Silvio Leite nos tem vindo gentilmente visitar e o campo vermelho permanece invicto. Ultimamente os nossos valerosos atletas leronlaran o Campeonato Collegial de Atletismo, o mais brilhante e disputado desses ultimos tempos.

Ciencias e Letras felicita as jovens "sportsmen", fazendo votos para que a mens sana seja justamente digna do corpore sano...

W

S. Excia., o snr. Ministro de Educação e Saude Publica baixou um decreto sobre a situação em que se acham os estudantes, em face do ultimo movimento armado. No tocante a nós, S. Excia. resolveu manter as provas parciais, bem como o exame oral. Decidiu, ainda, que todos prestassem exame, independente de frequencia, assim como relevou a nota zero dada ao aluno que faltase às provas parciais, no periodo anormal. Isto, dependente de justificação. Como se vê, essas medidas, profundamente racionais, tem ao encontro das aspirações e desejos de todos nós. Os estudantes do Pedro II, ranguerdes dos ginasianos, prestarão calmamente os seus exames ou provas parciais: nada de "decretos"!

Casa Zeppelin
SELOS PARA COLEÇÕES
R. RODRIGO SILVA, 17
CAIXA POSTAL 376
Rio de Janeiro
H. B. MARX L. PROUVOT

Conforme aludimos em outra local, convidado pelo GURMIO a dizer algo a respeito da personalidade de Mario Barreto, falecido cratamente há um ano, o Dr. José Giteica gentilmente aceo e eu, proferindo brilhante palestra, da qual damos abaixo palido resumo.

Decisiva foi a Influencia de Mario Barreto na orientação moderna que imprimiu aos estudos filológicos em nossa patria. Melhor se compreenderá o papel relevante por ele desempenhado se acompanharmos, ainda que a largos passos, a evolução verificada na linguística.

Até primordios do seculo passado, ninguém acreditava numa ciencia das linguas. Não se lhe reconheciam leis e as gramaticas gozavam do mesmo conceito latino: manuais da arte de bem escrever e falar. Só com Soares Barbosa começa a aparecer os primeiros rigores científicos.

Até então as gramaticas só nos apresentam interesse histórico. A's vezes, porém, há observações interessantes. Assim em Duarte Nunes do Lião, que deu o primeiro esboço da formação do léxico português, quando trata de arcaísmos e neologismos. Já as gramaticas de Monte Carmelo e Madureira nada tem de apreciável.

A preocupação dominante era de falar bem o classico, herança do latim. A obsessão do castigo é bem visível em Antonio Ferreira.

No seculo XVIII continua a tendencia, principalmente entre os dicionaristas, como Bluteau, cujo dicionario é bilingue. Nos fins desse seculo nota-se um movimento de reação. Já se combatia a parcelização das linguas. O padre José Agostinho de Macedo rebelou-se contra os quinhentistas. Filinto Elísio é um purista mais ameno. Frei Francisco de S. Luiz pretende provar que o português não provém do latim e sim do céltico... Pruridos científicos

Por essa época é que surge a Gramatica Filosófica de Jeronymo Soares Barbosa. Muito superior ás anteriores. A Fonologia, principalmente, é quase um milagre para a época e, conforme se vê em tese do orador, Soares Barbosa é verdadeiro precursor dos modernos estudos fonológicos. Sem dispor de aparelhos de precisão, como, aliás, ainda nos faltam, "adivinhou" uma classificação quase perfeita dos timbres.

O mérito deste empreendimento está que previa o metodo naturalista, em contraoposição com os processos cerebrinos dos seus predecessores. Esse método, caracterizou o grande surto científico do século XIX, com notavel repercussão na Sociologia. Ele proclamou a absoluta dependencia do homem ás leis da natureza.

Um absurdo que se ensinou durante toda a Idade-Média, até aos Enciclopedistas, foi que a diversidade das linguas entre os homens derivava de um castigo divino (Episodio da Torre de Babel). Hoje ninguém mais o admite em sua consciencia, por isso que se sabe perfeitamente ser tal dissonancia resultante de condições decorrentes da propria natureza das coisas. Com tal base científica nos é dado até prever a evolução das formas linguísticas.

Um fato positivo é que as linguas tendem cada vez mais a se diferenciarem. Daqui a 50 ou 100 anos difficilmente o gaúcho entenderá o amazonense. Essas verdades partiram da

Alemanha, mas durante muito tempo em Portugal seguiu-se o método rolinho. Foi Adolfo Coelho, quem iniciou o moderno cado da filologia lusitana. Difundindo as novas e mais seguras concepções sobre a ciencia da linguagem, teve notavels conl quadores. A geração que lhe sucedeu é das mais conspicias. A eloquencia dos seguintes nomes é sufficiente: D. Carolina Michaëlis, casada com o português Joaquim de Vasconcelos; Lello de Vasconcelos; Julio Moreira; Gonçalves Vianna; Epifanio Dias e, mais modernamente, J. J. Nunes.

Tal movimento não teve, porém, no Brasil repercussão imediata. Pacheco Junior e Julia Ribeiro não usaram do verdadeiro método científico. Os gramaticos que se seguiram, como Alfredo Gomes, estão ligados de erros e regras cerebrinas. A gramática de Maximino Maciel já representa um progresso. É importante pela sistematização. Não conhecia, porém, os classcos, sendo suas citações de segunda mão. Aliás, no campo científico, com a honrosa exceção de Osvaldo Cruz, sempre fomos amadores. Barbosa Rodrigues, Ladisláo Neto, em que pese a muitos, devem ser incluídos nesse rol.

Na filologia reinava o mesmo erro. A Réplica de Rui Barbosa é um monumento de amorosismo.

E chegamos, finalmente, ao grande merito de Mario Barreto. Ele é a exceção!

Não era como outros muitos — Vg. Candido de Figueiredo — que se pulavam regras a priori e depois adatar os textos a e. Não. Só formulava princípios, com base rigorosamente científica. Se defeitos teve foram talvez excessos de documentação. Nessa tarefa a gente de remodelar toda a gramática, sob primas novas, não se limitou á Sintaxe, onde foi inextinguível. Foi mais além, á Fonologia, á Etimologia... Intelizmente a limitação da vida só lhe permitiu consagrar-se á linguística portuguesa. Isto é, na sua especialização, porque Mario Barreto, no afan de acertar sempre, conhecia como poucos o método comparativo, escrevendo coratissimamente o francês, o espanhol e o italiano. Não houve tempo porém, de se consagrar á Dialectologia. Eis o que cumpre aos novos: estudar e descobrir as leis, que vão imprimindo ao português as transformações brasileiras.

O orador terminou recomendando aos que se dão ao estudo salutarissimo da nossa bela lingua, o exame detido e acurado das obras de Mario Barreto.

Poremos aqui para estudar as possibilidades de victoria:

Diz o professor João Ribeiro: "O numero consideravel de poetas que figuram entre os chefes da conspiração dá-lhes um certo caráter de evolução intelectual e teórica que em outras revoluções praticas fica apenas subentendida, mas mostra que não podiam aspirar a outro papel que o de precursores.

Mais adiante, diz: "Tudo estava preparado quando muito, para um tumulto que um ato de força ou uma concessão prudente da autoridade poderia anular. Com tal insuficiencia, a mais justa das rebeliões é sempre um crime".

Entretanto, depois admite que a revolução contava elementos de valor para o sucesso:

"A revolução, é certo, contava elementos preciosos para o bom exito, mas revelava nas suas traças, as qualidades filosoficas e literarias do que praticas dos seus autores".

A princípio, vê-se que o illustre professor pretende negar possibilidades de vitória á revolução, mas depois as admite, dando a entender que a filosofia e a literatura prejudicaram-na.

Acho apenas rigoroso o modo de vêr do acatado mestre. Mesmo que seja admitida a referida insuficiencia, não era um crime a revolução que tinha aquela finalidade.

• • •

Retorno ao assunto. Um dos conjurados, Joaquim Silveiro dos Reis, denunciou a conjuração ao visconde de Barbacena.

Estavam, pois, frustrados todos os planos, e então mostrou-se em toda sua plenitude, senão a covardia dos conjurados, pelo menos, que não tinham coragem para encarar dignamente os acontecimentos. A cusa vam-se uns aos outros.

E é então, nessa fase dolorosa, que o Tiradentes mostra a grandeza de sua alma, revelando-se em verdadeiro herói, consolado que era, pela religião, de que se mostrava fervoroso adepto.

Entregue pelo mesmo Silveiro dos Reis foi preso Tiradentes, na metropole. Em 1791, era governador o conde de Rezende, "o mais acabado tipo de tirano". A 21 de Outubro, foram notificados 29 réus. Foi nomeado defensor o advogado dr. José Fagundes. O professor Rocha Pombo focaliza a curiosidade da de fesa da época: "A defesa é um documento curioso daqueles tempos. Resume-se em confessar tudo o que se apurava nas devassas, isto é, que alguns dos réus tinham com effeitos "conversado sem horror" sobre a conjuração, mas que não havia se um quer que se tivesse feito

criminoso, tentando pôr em pratica o planejado levante".

No dia 19, foi lida a sentença Tiradentes foi condenado á morte.

"A casa onde ele morava em Vila-Rica seria arrasada e salvado o lugar onde estivera, para que nunca mais ali se edificasse; e no mesmo chão se levantará um pilar que recorde as culpas e o castigo do abominavel réu. Os bens do réu seriam confiscados e seus filhos e netos declarados infames".

Muitos mais foram condenados á morte, mas só o corpo de Tiradentes seria esquartejado. Indescrevível é o terror que se apoderou daqueles homens, que sonhavam (poetas!) com a vitória! E o que mais espanta é a coragem, bem se pôde dizer, que tinham os ministros para vêr sofrer aquelas almas infelizes. Há 13 meses já estava na capital, a carta da rainha que comutava as penas de todos, exceto a de Tiradentes.

Na manhã do dia 20 de Abril, foi lida a carta que trazia a clemencia real. Não menos conovedora foi a alegria daqueles infelizes.

"Então foram grandes os extremos de alegria, diz João Ribeiro, e com aquela inesperada piedade sentiam-se rejuvenecer".

Só Tiradentes, verdadeiro herói, morreria.

E assim teria fim aquela conjuração, conjuração de poetas já, houve quem disse.

O exemplo frutificaria e ver-se-ia raiar a aurora da liberdade trinta e dois depois, pondo cõbro no despotismo português no Brasil.

E de fato viria a liberdade.

Transcrevo af uma interessante explicação:

"Propos o alferes Joaquim José" refere Joaquim Norberto de Souza e Silva de quem o saudoso Silvio Romero disse não se poder fazer a historia da literatura sem recorrer a seus trabalhos", que se tomassem por simbolo três triangulos entrelaçados em comemoração da Santissima Trindade. Claudio Manoel da Costa lembrou que o emblema da bandeira dos Estados Unidos era o genio da Ame

E'... mas... o
PARAISO DAS CRIANÇAS
Vende barato, hoje, amanhã e sempre - Uniformes e enxovais completos para todos os colégios
UNIFORMES EM SUPERIOR BRIM CAQUI
Rua 7 de Setembro, 134

Tinturaria Isolina
Lava-se em 6 horas, passa-se e limpa-se a seco em 60 minutos. Finge-se para luto em 24 horas. Lava-se vestidos para senhoras e faz-se plizez e cordiam
José Ribeiro & Isolina
68, RUA D. ANA NERI, 68
Tel. 8-7:1 Rio de Janeiro

MITOLOGIA

O seu estudo atualmente não tem tido grande incremento, no entretanto a mitologia é uma matéria altamente útil e de grande valia para aqueles que cogitam da arte do bello ou da palavra, escrita ou falada.

E por ser este o nosso modo de pensar, e por sabermos ser a grande maioria do Colégio Pedro II composta de moças e rapazes afetos e dedicados aos livros e ás coisas de espirito, é que damos á luz este modesto trabalho, que não é mais que um produto meramente de compilação.

...

Comecemos por sua etimologia. mitos — fabulas; logos — discurso — estudo.

Conhecida sua etimologia vejamos a sua real significação.

A mitologia, que é um verdadeiro tecido de ficções chamamos de — a explicação da fabula —, partindo de que a Fabula são os acontecimentos que sucederam á formação do homem por Prometeu.

Os estudiosos da materia, que a este assunto têm emprestado muito de suas energias, julgam provir da Fabula do clam de Cham. Segundo estes autores os povos de então, (até que Nino, rei dos assírios, fez construir uma estatua em honra ao Bêlo e mandou que seus vasallos a venerassem), adoravam os animais e os astros. Depois outros povos seguiram o exemplo de Nino, desenvolvendo-se o culto de pessoas.

Para estudarmos com maior proveito, e melhor facilidade de exposição, é conveniente dividirmos os deuses mitologicos em 4 ordens.

- (divindades superiores (ou deuses do Olimpo)
- deuses (deuses inferiores ou de segunda categoria.)
- (divindades alegoricas (heróis ou semi-deuses.

...

Estudem os em primeiro lugar os deuses olimpicos.

Damos a seguir os seus nomes acompanhados de um ligeiro comentario.

SATURNO — Filho de Titêa e Urano, que representam o céu e a terra. Saturno, não querendo perder o trono, devorava todos os filhos varões. No entretanto, Cibéle, sua esposa, conseguiu salvar Jupiter, Plutão e Netuno. Esses conseguiram expulsar Saturno do Olimpo. Saturno fugiu para a Italia onde foi acolhido por Jano.

CIBÉLE — Era a mãe dos deuses. Logo após seu nascimento foi abandonada em um bosque chelo de animais ferozes.

JUPITER — Após ter expulsado Saturno, dividiu Jupiter o mundo com seus dois irmãos. Deu a Netuno os Mares e a Plutão os Infernos. Reservou para si o Olimpo. Jupiter frequentemente transformava-se. Certa vez transformou-se em aguiá para arre-

HOMENAGEM



Sua Alteza Real, a Princesa do Pedro II, Snta. Alice Correia, do 5.º ano C.

batar a Ganknédes; outra vez transformou-se em Chuva do Ouro para seduzir Danae.

JUNO — irmã e esposa de Jupiter. Rainha dos deuses.

MERCURIO — Senhor dos mares e irmão de Jupiter.

ANFITRIE — Filha do Oceano e de Doris. Esposa de Netuno e deusa do mar.

PLUTÃO — Irmão de Jupiter. Era o deus dos Infernos, e parece se ter mimetizado ao melo, pois era negro e fêlo. Como ninguém o quisesse por marido rapinou a Proserpina e com ela se casou.

CÉRES — Era a deusa das ceáras e dos prados. irmã de Jupiter. Era mãe de Proserpina, e tendo ido queixar-se a Jupiter que Plutão houvéra raptado Proserpina, obteve deste que sua filha vivesse seis meses com o marido e seis com ela.

MECURIO — Deus do commercio, da eloquencia e dos ladrões. Filho de Jupiter e de Mala. Era o mensageiro particular de

seu pai. Fel quem furtou a Apollo a Libra e com ella adornou Argos, pastor á cuja guarda fora confiada lo, que estava transformada em vaca e possuía 100 olhos, 50 dos quais dormiam enquanto os restantes velavam.

MARTE — Filho de Juno e deus da guerra. Marte foi amante de Venus, esposa de Vulcano.

VENUS — Deusa da beleza. Nasceu da espuma do mar. Foi Jupiter que, reconhecido a Vulcano por ter este forjado os raios, presentou-lhe Venus.

VULCANO — Filho do Jupiter e Juno. Era tão fêlo que Jupiter, enraivecido ao fita-lo, deu-lhe um ponta-pé precipitando-o do Olimpo. Dessa queda resultou Vulcano ficar coxo. Esse deus tinha seus fórnos em Lipari, Lemnos e no Etna.

MINERVA — Vulcano abrindo a machado a cabeça de Jupiter de lá tirou Minerva, a deusa das ciencias. Minerva atendendo ao nome de Palas é a deusa da guerra.

ARVÃO — Irmão de Diana e filho de Jupiter. Era o mais bello dos deuses. Presidia ás belas artes e á ciencia. Morava com as nove musas nos montes Hellicon, Parnaso, Plado e Pierio.

DIANA — irmã de Apollo. Deusa da caça e das florestas.

BACO — Deus das vindimas e dos ébrios.

VESTA — Deusa da virgindade e do fogo. Filha de Saturno e Cibéle.

O SOL — Filho de Hipertom e Tia. Era considerado como benéfico.

A LUA — A lua occupou o segundo lugar entre as divindades do paganismo. Só foi superada pelo Sol.

Vistas, em resumo, as divindades superiores, passemos ás divindades de segunda ordem, das quais sómente enunciaremos as principais.

CUPINO — Filho de Venus e de Marte. Deus do amor livre e da voluptuosidade. Foi o amante o marido de Psichê, a mortal

que rivalizou em beleza com Venus, sendo por isto punida.

HEBE — Era uma das mais graciosas deusas. Era filha de Juno e era a deusa da mocidade.

EOLU — Obellente servo e filho de Jupiter. Deus dos ventos.

MUSAS — Divindades em numero de nove, presidindo cada uma arte ou uma ciencia. Eram filhas de Mnemosina e de Jupiter.

Melpómene — presidia á tragedia; Terpsicore á dança, Clio á historia; Euterpe á musica; Dólmlnia á retorica, Erato ás poesias amorosas; Tália á comedia; Uranio á astronomia e Calliope á poesia heroica.

MOMO — Deus da zombaria e da orgia. Era uma especie de "bobo da corte".

...

As divindades alegoricas não têm a importancia dos deuses já citados, nem a dos heróis. No entretanto, a titulo de illustração, citamos tambem algumas divindades alegoricas. El-las: A Verdade, o Trabalho, a Liberdade, a Honra, a Esperança, a Paz, o Pudor, a Colera, etc., etc.

Os heróis ou semi-deuses eram filhos de um deus com um mortal ou simplesmente de mortais. Quando eram filhos de mortais alcançavam a situação de heróis pelos seus trabalhos e por suas qualidades. Através o estudo da historia universal os semi-deuses são mais conhecidos que os deuses e as divindades alegoricas. Não nos furtamos, porem, de darmos aqui uma noticia sobre os principais deles.

JASÃO — Emissario do rei da Tessalia foi a Colchos em conquista do Velo de Ouro. Foi o chefe da celebre expedição dos argonautas.

HERCULES — Foi o heroi que fez os maiores e mais importantes trabalhos. Era filho de Jupiter e de Alemena. De seus principais feitos contam-se: o ter conseguido aprisionar vivo o Javali de Erimanto; libertar Teseu do Inferno, prendendo com cadela de fero a Cerbéro, cão que vigia Teseu; o ter conseguido matar a hidra de Lerna; o ter vencido um touro bravo que lançava labaredas pelas narinas; etc., etc.

PÉRSÉE — Tinha tambem origem divina. Era filho de Jupiter e de Danae. Constitui seu principal feito o ter vencido e matado a Medusa. Do sangue da Medusa formou-se o seu cavalo Pégaso.

A historia revela-nos ainda outros heróis, não porem tão importantes como os que acabamos de estudar. Não constitui isto, no entretanto, motivo para que não os mencionemos, e, por isto, el-os:

Castor e Polux, Deucallão, Dédalo e Icaro, Teseu, Belerofonte.

E assim terminamos o nosso modesto trabalho, almejando possa ele alcançar o seu unico e grande objetivo, isto é, ser util aos nossos colégas, sempre ávidos de saber e de cultivar o espirito.

Niteroi, 1932.

PAN

Não ha outro! Curso Vestibular á Faculdade de Medicina DO Prof. Dr. CLAUDIO MELLO

Ensino completo, de acordo com o programa oficial - Laboratorio de primeira ordem, com material científico dos melhores fabricantes

Pode ser visitado diariamente das 8,30 ás 10,30 e das 16 ás 19 horas

Avenida Rio Branco 91 - 7º andar - Sala 9

VISITEM-NO!

DO ÁRICO AO BRASILEIRO

RAUL ARCOS

Em tempos muito anteriores á História houve um povo, cuja situação primitiva a ciência ainda não conseguiu localizar, moderadamente conhecido pelo nome de *ariano* ou *ário*. Este povo, possuidor de qualidades brilhantes, teve a emigração como facilidade principal. Suas tribos cortaram em todos os sentidos quase toda a Europa e parte da Ásia.

"A passagem das tribos emigrantes de uma para outra parte do mundo antigo, fez-se pela Ásia menor, onde deixaram largo rasto em numerosas colônias que ali se fixaram", (Gramática Histórica da Língua Portuguesa, de Ribeiro de Vasconcelos, pag. 10, sem data).

Além, Adolfo Coelho, seguindo as maiores propalidades, dá a Ásia Central (A Língua Portuguesa, pag. 21, Porto, sem data).

Não se conhece diretamente a língua dos árias, que se convencionou chamar de *drico*, e sim através das línguas que tem nela a sua origem.

As vastas regiões pelos *drias* percorridas eram na quase totalidade habitadas por populações selvagens ou semi-selvagens, com as quais eles tiveram que lutar, submetendo-as em seguida.

Daf resultou a imposição por parte do vencedor dos seus costumes, civilização, religião e língua, além de aparecerem vários povos, mescla dos *drias* e vencidos que falavam, naturalmente, o *drico* deturpado, inflcindo assim a dialetação do mesmo.

Os dialetos resultantes diretamente do *drico*, deram, por sua vez, subdialetos, aparentemente estranhos entre si, mas que á luz da filologia mantem as maiores analogias possíveis; a esta reunião de dialetos e subdialetos dá-se o nome geral de *família ariana, indo-europea ou indo-germânica*.

E' esta a família linguística mais estudada e a sua unidade é das coisas que já se não discutem mais, pois está cabalmente provada (Bopp, Grammaire Comparée des langues Indo-européennes — 2 vols. 1863 — Tradução francesa de Bréal — Paris).

"Esse grupo divide-se em oito ramos, dois asiáticos e seis europeus.

a) — os ramos asiáticos, a que se deu o nome comum de o *drico*, são: 1) — o ramo *indico*, compreendendo o sânscrito e os dialetos modernos que se lhe ligam, como o hindustani, o bengali, o sindi, o marata, falado na Índia portuguesa, etc.; 2) — o ramo *arário*, compreendendo o antigo persa, empregado nas Inscrições de Dario e Xarxes, escritas em caracteres cuneiformes, o zend, em que se acham escritos os livros sagrados atribuídos a a Zoroastres, o *persa moderno*, etc.

b) — ramos europeus, a cujo conjunto se dá o nome de o *europeu*: 1) — ramo *helênico*, compreendendo o grego, cuja história podemos seguir durante cerca de 3000 anos, pois é ainda uma língua viva e os seus mais antigos monumentos remontam a mais de oito séculos antes da E. C.; 2) — o ramo *italico*, compreendendo o latim com os seus dialetos modernos chamados línguas românicas (português, espanhol, francês, provençal, italiano, românico ou valáquio) e alguns dialetos falados na Itália antes da E. C.; 3) — o ramo *celtico*, que se subdivide em dois sub-ramos: a) — o *galês*, compreendendo o irlandês, falado na Irlanda, o *erise* ou *galês* falado no norte da Escócia, e o dialeto da Ilha de Man; b) — o *britânico*, compreendendo o quírico ou câmbrico, falado no país dos Gales (Câmbría), o cornoico (hoje extinto), falado em Cornwallha, o bretão ou armoricano, falado na Bretanha (França) e o antigo *galo*, falado nas Gálias; 4) — o ramo *germânico* (ou teutónico), que se subdivide em quatro sub-ramos: a) — o *gótico*, representado pela tradução da Bíblia pelo bispo Vulfilas no quarto século da E. C., da qual nos foram conservados fragmentos; b) — o *escandinavo* ou *nórdico*, compreendendo o norueguês, o sueco, o dinamarquês e o islandês; c) — o *baixo alemão*, compreendendo o saxão, o anglo saxão, de que deriva o inglês; e o baixo alemão, propriamente dito, o holandês, o flamengo, etc.; d) — o *alto alemão*, em que se distinguem três línguas: antigo, médio e alto alemão, e que é desde o século XVI a língua literária da Alemanha; 5) — o ramo *eslavo*, compreendendo o eslavo litúrgico (língua morta), o polábico (língua morta), o russo, o ruteno, o polaco, o tcheque ou boêmio (falado na Boémia), o sorbo (serbo de Lusácia), o serbo-croata, o esloveno, o búlgar; 6) — o ramo *lítico*, compreendendo o antigo prássico (língua morta), o lituano e o leto.

(Adolfo Coelho, op. cit. pag. 20 e seg.).

Esta classificação é seguida *in totum* por Otoniel Mota, que no seu livro a transcreve. (O Meu Idioma, 2.ª ed. correta, páginas 238 e seg. 1917).

Para nós interessa dos ramos indo-europeus o *italico*. E' ele constituído por seis dialetos, o *latim*, o *falisco*, o *osco*, o *volscio*, o *umbro* e o *sabélico*. Destes se distinguem o *latim*, língua do povo romano, que os absorveu.

O *latim*, língua primitivamente falada na região do *Latium*, estendeu-se a toda a Península Itálica e depois a todo o mundo conhecido daquela época, sempre acompanhando as vitórias das armas romanas.

As línguas itálicas foram tema dum trabalho meu, publicado

em o núm. 3 do "CIENCIAS E LETRAS" (Abril de 1932).

Em 270 A. C. o latim já se havia difundido por toda a Península, apresentando-lhe alguma dificuldade o *etrusco* (falado na *Etrúria*, língua que ainda se não conseguiu classificar) e o *grego*, falado no sul da mesma, (colônias gregas da Magna Grécia). Sobre isto latim pouco se sabe, dada a escassez de monumentos literários. Podem-se citar, no entanto, a *Inscrição da Coluna Rostrada de Dúlio*, (259. A. C.), encontrada no séc. XVI e as *Inscrições dos Cipões* (2.ª metade do séc. III. A. C.), encontrada no séc. XVIII.

O povo romano tinha uma língua culta, iniciada pelo séc. III. A. C., que, como é logico, era falada pelos literatos, o *sermo nobilitis, urbanus, eruditus*, o popular, falada pelas classes incultas, soldados, etc., o *sermo plebeius, proletarius, vulgaris*, que era porém, a língua viva, enquanto o *sermo urbanus* era artificial, hejlenizado nas mãos dos literatos, que tinham por espolho o *grego* e a sua literatura.

O *sermo vulgaris* se val diferenciando cada vez mais da língua literária, através de todo o Império Romano. Do choque do *latim* com as línguas dos povos conquistados resultou a modificação, conforme o grau maior ou menor de civilização dos mesmos, continuando, porém, ele a ser falado pelas classes eruditas, até que as invasões dos Bárbaros, no séc. V, apressaram a decadência da nobreza romana, dat a morte do *latim* literário.

Com o desaparecimento deste, nasceu o *par-do latim vulgar* ou *baixo latim*, que se não deve confundir com *latim bárbaro*, pois aquele era uma reminiscência do *latim literário* e este o *latim da Idade Média, do cartório*, chamado; há quem diga, mas sem fundamento, que este *latim* representava a língua da época.

Após a queda do Império Romano do Ocidente, 476, apareceu o Romance, também chamado Romance, língua geral em todo ele, de cuja cisão proveem as línguas românicas, que na opinião de W. Meyer Lübke a mais

(Continúa na pag. 6)

NOSSOS POETAS

A vida que eu sonhei para você

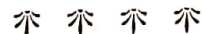
A vida que eu sonhei para você
E' uma vida feliz, bem diferente,
Daquela que se vê constantemente
A vida que eu sonhei para você.

A vida que eu sonhei para você
E' tão cheia de amor, que a gente sente
Que é uma cousa impossível para a gente
A vida que eu sonhei para você.

A vida que eu sonhei para você
E' uma vida risonha, calma, assim
Como uma história azul que a gente lê.

Uma história feliz que não tem fim,
A vida que eu sonhei para você
E' a mesma vida que eu sonhei p'ra mim.

HAMILTON ELIA



A uma noiva

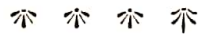
Hoje é o último dia de solteira
Que pela vossa vida estais passando,
Hoje vossa alma alegre, prazenteira,
Val da jornada, noutra fase entrando.

Louco e ansioso em vosso peito arfando
Sentis o coração doutra maneira,
A bater, a bater, quasi saltando
De modo estranho pela vez primeira.

Divina seneação ireis sentir:
— Um coração de virgem a palpitar,
Olhos chorando, lábios a sorrir.

Mas essa comoção será ilgeira:
— Estes dois corações se vão juntar,
Almas unidas para a vida inteira!...

OSCAR A. FAUSTINO



Quanta ironia...

Entre no cemiterio um dia, e percorrendo
As campas, pus-me a ler os rotulos da morte: ...
— "Aqui se encontra em paz um ente cuja sorte
na vida foi sofrer" — e assim sempre fui lendo: ...

— "Aqui dorme o seu sono eterno um pae querido" ...
E adiante: — "Adeus meu filho, adeus, partiete cedo" ...
E a ler e a meditar, de lagedo em lagedo,
Já tinha o meu olhar de lagrimas, perdido ...

Logo após: — uma linda e branca sepultura ...
Pare!; quanta riqueza! ... E vi que a hipocrisia,
Ali, frases deixara infladas de ternura ...

E ao lado sobre a terra, apenas entrevista: ...
— Uma cruz, sem ninguém ... — ó Deus, quanta ironia!
Ao lado de um rico ... o corpo de um artista! ...

J. G. DE ARAUJO JORGE

CADERNOS DIDATICOS
- DE -
OSCAR DE ALMEIDA

Caderno para Verbos. — Caderno para Exercício de Análise Gramatical. — Caderno para Exercício de Análise Lógica (período simples). — Caderno para Exercício de Análise Lógica (período composto). — Cadernos para Exercício de Composição Portuguesa ao 1º e 2º ano do Curso Seriado.

Cada exemplar 1\$500

LIVRARIA ALVES

CASA ALBERTO

Praça da Republica, 66 -- Fone 2-5219

Bons calçados e perneiras
Quépis, espadas, bandeiras
Isso tudo lhe garante
Por um preço fascinante
Que o deixará boquiaberto
A afamada CASA ALBERTO

LENTEJOULAS

E a Snta. acredita no amor?

Quem fazia essa pergunta era um guapo rapaz, vinte e cinco anos, moreno e alto.

Ela, uma brasileirinha do outro mundo, deliciosamente formosa respondeu sinceramente (?):

— Acredito.

— Pois, ouça-me: eu não creio.

Ela voltou-se espantada:

— Você, Armando?

O rapaz elegante sorriu. Pôs-se a balançar-se nas pontas dos pés e rematou:

— Naturalmente que não. Amar é dos fracos e eu me julgo forte.

— Mas então, que restará da vida? Veja as aves como trillam madrigais, as flores como se entrecolham apaixonadamente, os miríades de estrelas a piscarem para o mar orgulhoso...

— Tudo isso são fantasias. Permitem-se nas crianças e nas moças. Nos homens, não.

— Nos homens, não? E porque?

— Porque é ridículo.

— Ridículo?

Armando aqui sorriu satisfeito. Atirou fóra o cigarro, chegando-se mais junto à Margarida.

Os dois haviam fugido do salão de baile. Preferiam um "tête à tête" num recinto do jardim.

A aragem branda e suave trazia até eles o perfume feminino dos jasmims. Como se vê, discutiam o mais banal dos temas: o amor.

Margarida insistiu:

— Ridículo, foi o que V. disse. Queira explicar-se.

— Pois não, minha boa amiga. Com toda a alma. Você sabe que os poetas adoram a lua?

Ela ergueu os olhos para cima. Lá estava a eterna confidente, branca e recurvada.

— Ora se sei...

— Pois, bem. Nada há de mais risível. Vê lá um planeta...

Planeta? Nem isso. Miserio satélite, envelhecido, a caminho da destruição. A luz com que nos surge é de empréstimo, condenada a mostrar só uma das faces — (talvez a mais feia) — aos românticos cá de baixo... Balão eterno do eterno S. João dos namorados.

Armando sorriu uma vez mais.

— Sim, balão, mentira...

Margarida voltou de novo os olhos aos ceus. A lua escondia-se atrás de uma nuvem esgarçada, como se envergonhada do que ouvia...

Margarida, porém, insistiu:

— Sim, e a poesia? os sonetos? as baladas?

— Amor em verso, sob medida, como ternos bem talhados...

— E a música? as valsas? os tangos?

— Oh! sim! a música é sublime! Não, porém, quando é amorosa. A música nasce das turbas, deve ter a vibração da alma popular.

E' um Rouget de Lisle, comendo a Marselheza entre o troar dos canhões e o furor das multidões, para depois succumbir obscuro, como nacera...

— Margarida pôs-se a pensar e depois redarguiu:

— Talvez Você tenha razão, Armando. Quem sabe que o amor é mentira? Mas, oh! Chamam-me. Com licença, sim? Venha, também. Com certeza deram pela nossa falta!

E lá se foi a correr.

Armando seguiu-a com o olhar. Acompanhou-lhe os passos ligeiros, apreciando-lhe o talhe esbello, a cintura de vespa, a cadeleira esvoaçante...

Tão bonita que ela era! Sem querer pôs-se a prestar atenção à valsa que a orquestra executava. Estranhou a emoção que a música lhe causava. Olhou a lua. Quase pediu-lhe desculpas. Achou-a tão serena e boa! Tão misteriosa e pura!

— Teus olhos são negros, negros como as noites sem luar.

Levou as mãos ao peito. O coração pulsava opresso. Opresso, mas porque?

Armando estacou. Contemplou as rosas que lhe pareciam sorrir, as estátuas que pareciam alegres ao vélo, e, entre temeroso e desconfiado só pôde balbuciar:

— Então esta historia de amor existe mesmo?

PERCI'

di- zem os sá- bios:



Acima dos mais assombrados arranha-ceus, muito acima do vôo, das aeronaves, está a beleza dos tecidos — das —

CASAS PERNAMBUCANAS

10 - Praça Tiradentes - 12
44 - Largo de S. Francisco - 44
118 - Rua Marechal Floriano - 118
123 - Rua do Ouvidor - 125
NITEROI:
528 - Rua Visconde do Uruguái - 28
Filiais em todo o Brasil

A T L E T I S M O

Apesar de não ser propriamente adequado ao nome do nosso órgão os assuntos esportivos, CIENCIAS E LETRAS não poderia desinteressar-se absolutamente de quanto diz respeito a esta Casa, que há seis anos nos abriga.

E' pois tomados do mais indiscretível entusiasmo que registamos a brilhantíssima vitória alcançada pelos atletas do Pe-

dro II, frutos do proprio esforço e vontade.

Empenhados numa competição, em que só contavam com o animo decidido da "turma cá de casa", levaram de vencida todos os adversarios, inclusive o valoroso conjunto do Colegio Militar.

Sabemos que se cogita de prestar significativa homena-

gem aos gnapos sportsmen e nada mais justo de ser levado avante.

Aos briosos moços, que tão bem souberam elevar o nivel esportivo do Pedro II, conservando em todos os aspéto da peleja a fidalguia de maneiras do verdadeiro sportsman, CIENCIAS E LETRAS, augura os mais brilhantes louros e o mais radioso porvir!

O QUE VAI PELO GREMIO

8.ª Sessão Ordinária — (6/9/32)

A sessão foi aberta às 4 1/2 horas pelo sr. presidente Raul Arcos. Lidas e aprovadas as atas, o sr. Silvio Ella, relator, leu o parecer da Comissão de Português, empossando como socios os seguintes: Srta. Helena Paes de Oliveira e snrs. Oscar Azambuja e Ari da Mata. A seguir o sr. Renato Ferreira Pereira, relator da Comissão de Química, declarou aprovados e, como tais, ingressos no quadro social os colegas Glaucio Barbosa, Americo Fabriani, Wolney Drown. Mais um outro parecer foi lido o do sr. Eremildo Luis Viana, ex-consocio, relator da Comissão de Historia Universal. Foram aprovados e admitidos os snrs.: Mario Palmeira, Daniel A. Reis e srta. Alice Correia e Lucania Mertz de Aguiar. O Dr. João Battista de Melo e Sousa enviou uma apreciação escrita sobre esses ultimos trabalhos.

Continuando o expediente lido e acceto o pedido de demissão do sr. Paulo Paes de Oliveira, vagando-se assim o cargo de 1.º Secretario, imediatamente se procederam as eleições para o respectivo preenchimento, sendo o seguinte o resultado: Silvio Ella, 14 votos. Aurea Italia Raimundo, 2 e José de Lima F. Romero, 1. O sr. Presidente comunicou ainda a abertura do Concurso Santos Dumont, encerrando-se a seguir a sessão.

9.ª Sessão Ordinária — (13/9/32) — Presidiu a o sr. Raul Arcos. No expediente foram lidos os pedidos de demissão coletiva dos seguintes: Alberto Herksher, Ita França de Souza, Iza Klingner, Eremildo L. Viana, Alzira Zarur, Iderzio L. Viana, Gibson Lessa, Mozar Cunha e Salustiano P. Cesar. Foi aceita a do sr. Iderzio por já se achar quite. Os senhores Eremildo L. Viana, Alzira Zarur, Salustiano P. Cesar já estavam eliminados em virtude do art. XIX dos Estatutos em vigor. Os senhores Alberto Hecksler, Ita França de Souza, Iza Klingner, Gibson Lessa e Mozar Cunha não viram suas pretensões legradadas, por não se acharem quites. O mesmo succedeu ao pedido análogo do sr. Nelson M. Ferreira.

Em seguida passou-se a ordem do dia, constante de um debate sobre o tema: "A Quarta Elegia". Compareceram todos os inscritos: Alice Correia, Aurea Italia Raimundo, Lucania Mertz de Aguiar, Murilo S. Alves, Silvio Ella e Hugo Kammsetzer. A banca examinadora presentes eram srta. Antolota Paladino, Luis Emidio e Dr. José Acloli não proferiu imediatamente o "veredictum", em

virtude da ausencia deste ultimo.

Toma então a palavra o sr. Silvio Ella, que, agradecendo a sua indicação para o cargo de 1.º Secretario, solicitou demissão do mesmo, por motivos superiores. Procedeu-se logo novo escrutínio, cujo resultado foi a eleição do sr. Hugo Kammsetzer.

Mais algumas nomeações e discussões e foi finalmente encerrada a sessão.

10.ª Sessão Ordinária — (22/9/32).

Foi aberta pelo sr. Raul Arcos às 16 1/2 horas em ponto iniciou-se, então, um debate sobre o tema "Mimetismo", estando a banca examinadora assim constituída: Drs. Valdemiro Potech, Hello Hungria Hoffbauer e Silvio Ella, em substituição ao sr. Aloisio C. da G. Melo Leitão, que faltou.

Compareceram tres concorrentes: Carlos Brasil de Araujo Wolrey Brown e Luis Emidio.

Após a leitura dos trabalhos que foram muito applaudidos, tomou a palavra o Dr. Valdemiro Potech, em nome da banca examinadora, que presidiu. Analisou detidamente as preleções ouvidas, terminando por conferir o premio ao sr. Luis Emidio.

Passou-se, então ao expediente, havendo-se retirado o Dr. Valdemiro Potech, em razão de compromisso importante.

Finalizou a sessão encantadora parte literaria em que brilharam as srta. Consuelo Martinez Roma, Aurea Italia Raimundo, Arlete Campos da Silva e os snrs. Orlando Leal Carneiro e J. G. de Araujo Jorge.

11.ª Sessão Ordinária — (3/9/32).

A mesa estava composta pelos seguintes: Raul Arcos, presidente; Hugo Kammsetzer, 1.º Secretario e Lucania Mertz, em substituição á srta. Noemi Reis, por impedimento.

Lida e aprovada a ata da sessão anterior, passou-se á ordem do dia. Dos inscritos para concurso de admissão e eram os snrs. Cicero de Oliveira, Gasão Pessoa/ Mauricio Ferreira Alves e Vitor Azevedo, só este ultimo compareceu.

O debate do dia versava sobre "o Incola". Eram concorrentes os snrs. Joaquim Cerqueira Montebelo, Molsés Gikovate e Oscar Azambuja e srta. Noemi Reis. A banca examinadora se achava assim constituída: Dr. Pedro do Couto, Paulo Pereira (em substituição da srta. Alice Correia, ausente) e Silvio Ella (em substituição do sr. Daniel Reis, ausente).

A seguir, sem vibrantes palavras, o Dr. Pedro do Couto externou o pensar da banca,

propoendo um voto de louvor a todos os concorrentes. Por unanimidade conferiu-se o 1.º premio ao sr. Molsés Gikovate. Retirando-se o querido mestre em virtude do adiantado da hora, continuou a sessão. Procedeu-se nova eleição para o cargo de 2.º Orador.

Entre brilhantes aplausos foi eleita a srta. Consuelo Roma, que comovida agradeceu.

Nada mais havendo que tratar, o sr. Presidente encerrou os trabalhos.

Sessão Extraordinária — 10/9/32.

Presidiu pelo sr. Raul Arcos. Procedeu-se a leitura e aprovação e discussão do Regulamento Interno, que foi lido pelo sr. Joaquim L. Montebelo, té ao art. 20 e pelo sr. Paulo Pereira até ao 46.

42.ª Sessão Extraordinária — 12/9/32.

Raros socios presentes. Foi aberta pelo sr. Presidente em exercicio ás 16 1/2 horas.

Continuou a leitura do Regulamento Interno até ao fim. O sr. Presidente tomou as seguintes deliberações: a) nomear uma Comissão de Propaganda, cujos membros são os senhores Oscar Azambuja, Joaquim Montebelo, Silvio Ella, Daniel Reis e srta. Alice Correia; b) suspender os Estatutos em vigor de acordo com os membros de directoria presentes; c) nomear a respectiva Comissão de Reforma, de que fazem parte a srta. Elza Pinto Cordeiro de Sousa e snrs. Paulo Prado e Joaquim Montebelo.

Nada mais havendo que reformar foi encerrada a sessão. 13.ª Sessão Ordinária (17/9/32)

Presidiu pelo sr. Raul Arcos. No expediente leu-se e aprovou-se a ata da sessão anterior. Na ordem do dia não houve o debate anunciado, por ausencia do prof. José Ottilica, presidente da banca examinadora.

Tomou então a palavra o orador oficial, que em brilhante elocução enalteceu a personalidade de Luis Carlos, o imortal autor de Colunas.

E foi encerrada a sessão.

14.ª Sessão Ordinária — (1/10/32).

Aberta pelo sr. Raul Arcos ás 16 1/2 horas em ponto. Encerrado o expediente passou-se á ordem do dia, constante de um debate sobre o tema "Influencia do Meio na Literatura Nacional" em que eram concorrentes os consocios: J. G. de Araujo Jorge, Orlando Carneiro, Ari da Mata e Paulo Pereira. Falando o prof. José Ottilica, a mesa deliberou enviar-lhe os trabalhos para o "veredictum" final.

A leitura das teses apresentou, das entusiasmos grandemente o auditorio, que se quadripartiu nos prognósticos. Quem vencerá? José Guilherme? Paulo Prado? Ari da Mata? Orlando Carneiro?

Como candidato a socio apresentou-se o sr. Hamilton Ella, que leu erudito trabalho sobre a prosodia latina. O candidato foi muito complimentado.

Nada mais havendo que tratar foi encerrada a sessão.

MARIO BARRETO

Por motivo do passagem do primeiro aniversario da morte desse pioneiro da gramatica e filologia, fez o Gremio realizar sentida homenagem, no salão nobre. Falou o prof. José Ottilica, que como disse o sr. Raul Arcos, dispensa preambulos. Quem falou foi o prof. José Ottilica e isso basta.

A síntese do seu trabalho, que vai noutro local, bem demonstra o carinho e a veneração existente do mestre para mestre, bem como a visão larga e segura que tem o prof. Ottilica do panorama filológico. Aconselhamos a leitura e meditação do resumo que publicamos a todos quantos aspirem sobresair no trato da lingua e letras.

A numerosa assistencia evidenciou longamente o orador, a quem o Gremio agradece publicamente a repercussão da homenagem.

7 DE SETEMBRO

A data máxima da Historia Patria teve um panegirista á altura: o Dr. Pedro do Couto. Foi, portanto, felicissimo o Gremio ao convidar o insigne educador.

Como sempre, o Dr. Pedro do Couto foi de uma eloquencia impecavel, mantendo suspenso o auditorio nos poucos minutos (poucos infelizmente) em que falou.

No meio do maior entusiasmo foi que o Dr. Pedro do Couto finalizou, sendo a reunião das mais brilhantes aqui realizadas.

A mesa estava assim constituída: Dr. Pedro do Couto, ora

dor; Dr. Otacilio Pereira, representante da administração; Dr. Luis Pinheiro Guimarães, pelo corpo docente e sr. Raul Arcos, presidente do Gremio, que encerrou a sessão, proferindo sentido agradecimento.

DESCOBRIMENTO DA AMERICA

Com raro brilhantismo, fez o Gremio realizar no salão nobre uma sessão comemorativa do feito audacioso.

Abriu a o sr. Raul Arcos que mostrou a razão de ser da sessão enaltecendo a figura do orador.

Usou da palavra o estimadissimo, Dr. J. B. de Melo e Sousa, catedratico de Historia do Colegio. Discorrendo de hábito, com elegancia e mestria, a sua palestra agradou plenamente, sendo, por isso, muito felicitado.

O Gremio fez, ainda passar um filme alusivo "Cristovão Colombo", cuja existencia na Casa nos foi indicada pelo Dr. Melo e Sousa.

MACHADO DE ASSIS

A sessão com que o Gremio comemorou mais um aniversario da morte do mais fino romanista brasileiro, teve um cunho de novidade, foi feita por um aluno do Colegio, e sr. Carlos Brasil de Araujo, a convite do sr. Presidente.

Iniciando a serie de conferencias realizadas por estudantes, em tão boa hora constituída pelo Gremio, o sr. Carlos Brasil se houve como orador consumado. Soube dar uma feição amena e alicante a palestra e, nos poucos minutos em que falou, trouxe o auditorio preso a sua palavra facil e culta.

As palavras que o coroaram os parabens que recebeu, bem demonstram o quanto agradou a sua apreciação sobre a figura gigantea de Machado de Assis, que foi alvo, assim, de brilhantissima homenagem.

Deixamos de publicar no presente numero, por vontade do autor, o trabalho do sr. Hugo Kammsetzer, intitulado "A Quarta Elegia".

Como se sabe, foi esse o tema debatido na 9.ª Sessão Ordinária havendo o premio sido conferido na 11.ª Sessão ao sr. Hugo Kammsetzer proclamado vencedor pela Comissão Examinadora, presidida pelo Dr. José Acloli.

Em compensação, ilustramos nossas paginas os versos shaves e misticos de uma "Elegia", que Hugo compôs em maneatos de leura inspiração.

CASA SANTOS DUMONT
(ALFAIATARIA)
A maior casa de roupas feitas e sob medida
Rua 7 de Setembro, 102
Tel 2-6638
Uniformes e enxovals para todos os Collegios e Linhas de Tiro
CORTE IRADAPREHENSIVEL E BREVIDADE
R. COSTA & PINTO
RIO DE JANEIRO

DO ÁRICO AO BRASILEIRO

(CONCLUSÃO)

FERNÃO DE MAGALHÃES

ALICE CORREIA

seguida, são *oportugúis*, o *espanhol*, o *francês*, o *antigo provençal*, o *italiano*, o *romeno*, o *sárdo*, o *retico* e o *dalmático* (Grammaire des Langues Romaines, pags. 7 e seqs. tomo I, trad. francesa de Eugène Rabiet, 1890, Paris), cujos monumentos literários mais antigos encontrados pertencem ao *francês* (sec. IX) e ao *provençal* (sec. X). Os do *portugúis*, *espanhol* e *italiano* só no sec. XIII apareceram.

Sobre o *francês* escrevi em um trabalho, publicado em o n.º 2, anterior d'este jornal (Agosto de 1932).

Das línguas românicas, em virtude de nos interessar, destaqueo o *portugúis*.

Não me proponho a fazer a história da origem do *portugúis*, pois já o fiz por estas mesmas colunas (Num. 1, Outubro de 1931).

Portugal chamava-se primitivamente Condado Portucalense (de Portus Cale) ao qual faziam parte os territórios entre o Minho e o Tejo, dado por D. Afonso VI, rei de Leão, a D. Henrique de Borgonha, nobre francês, pelos muitos serviços prestados nas guerras, além de casá-lo com sua filha, D. Teresa; mais tarde, morto D. Henrique, e expulsada D. Teresa do Condado, após a batalha de São Mamede, Afonso Enríques, filho de ambos, faz a Independência do Condado, tornando-se rei (1140).

Sómente com este fato, aliás, como é lógico, o *portugúis*, cujo início de formação vem dos tempos da permanência dos árabes na Península Ibérica, começou a ter vida autónoma, apartando-se, destarte, do *galego*, com o qual mantinha, princípio, as maiores afinidades possíveis, sendo em alguns casos difícil separar as duas línguas.

É o caso do *infinito pessoal*, que aparece somente no *portugúis galego* e *mirandês*. Este tempo nada mais é do que uma degeneração semântica do *imperfeito do subjuntivo latino*.

Durante o reinado de D. Afonso III, é conquistado aos mouros o Algarve, passando o *portugúis* a ser falado do Minho ao Guadiana.

O primeiro monumento literário *portugúis* data de 1192, supõe-se uma doação de Elvira Sanches; o *portugúis* literariamente é dividido em duas fases, a arcaica e a moderna.

O *portugúis* moderno subdividiu-se nas fases quincentista, seiscentista e hodierna, podendo-se admitir como transição entre estas duas últimas a fase setecentista" (Sald. Ali. Sintaxe, pág. 163, 1923).

As grandes invenções e os Des-

cobrimentos Marítimos bastam para caracterizar a Idade Moderna.

Nos descobrimentos marítimos tiveram papel de magna importância, os portugueses e espanhóis; os primeiros pela necessidade de se expandirem, já que por terra lhes era impossível, levando através da sua colonização o *portugúis* à Madeira, aos Açores, à Guiné e Cabo Verde, às Ilhas de S. Tomé e Príncipe, à Angola, a Moçambique, a Diu, a Damão e Góá, a Macau, a Timor e ao... Brasil; são os principais.

E assim, a língua portuguesa passou a ser falada fóra do continente europeu, espalhando-se pela África, Ásia, Oceania e América.

Ampliou-se... dialeto local, até mesmo dentro do próprio território de Portugal.

Eis resumidamente, a exposição dos dialetos portugueses, segundo J. Leite de Vasconcelos, a maior autoridade no assunto (Esquissa d'um Dialectologie Portuguesa, pags. 28 e seguintes de 1901).

Os dialetos *portugúises* se dividem em continentais, insulares, ultramarinos e o *portugúis dos judeus*.

Os continentais compreendem os dialetos *interamunense*, *trasmontano*, *beirão* e *meridional*, que ainda admitem subdialetos. Assim o primeiro compreende o *alto* e *baixo minhoto* e o *baixo duricense*, o segundo, o da *fronteira*, de *Macedo de Magadouro* e o *alto duricense*, o terceiro, o da *Beira-occidental*, o *alto* e *baixo beirão* e o do *Fundão* e *Portalegre* e o quarto o *estremenho*, o *alentejano* e o *algarvio*.

Os insulares são o *madeirense* e o *acoreano*.

Os ultramarinos são o *brasileiro* e *dialetos crioulos*, falados na África, Ásia e Oceania.

O *portugúis dos judeus* é falado nas cidades de Amsterdão e Hamburgo.

O *galego*, *mirandês*, *riodonorês* e *guadianites*, falados na província espanhola da Galiza, e nas cidades trasmontanas de Miranda, Rionor e Guadramil, formam os *codialetos* do *portugúis*.

O *brasileiro* é, pois, dialeto ultramarino do *portugúis*, ainda "que pese ao orgulho nacional" (Antenor Nascentes, *Idioma Nacional*, vol. IV, pag. 172, 1929).

O *portugúis* para aqui transportado, sofreu a influência das línguas indígenas, e, depois, iniciada a colonização africana, com as línguas faladas pelos escravos.

Daf a lógica dialeção fácil do brasileiro, principalmente atendendo "à enorme extensão

territorial do nosso país, sem fáceis comunicações interiores, as diferenças de povoamento e outras causas quebraram a unidade do dialeto, fragmentando-o em subdialetos.

De um modo geral se pôde reconhecer uma grande divisão; o norte, do Amazonas e do Pará até a Baía, e o Sul, da Baía ao Rio Grande do Sul.

É palpável a diferença entre o *falar cantado* do nordesta e *descantado* do sulista. (Antenor Nascentes, op. cit. pág. 174).

Alguns gramáticos brasileiros, talvez vendo na palavra dialeto, algo de pejorativo, tímramo em declarar não haver *dialeto brasileiro*.

Moras questões de pontos de vista...

"Na opinião dos autores portugueses, pequenas divergências bastam para caracterizar o dialeto.

Na dos brasileiros, o dialeto só existe quando as divergências de uma língua que se desprende de outra são tais que os dois povos que as falam, já não se entendem" (Jallo Nogueira, O Exame de Português, 2.ª edição, pág. 33, 1930).

Enfim, o que nós, brasileiros devemos fazer, a meu ver, é harmonizar quanto possível o nosso dialeto ao português daquela pequena região entre Coimbra e Lisboa, que além de ser o protótipo do *portugúis continental*, deve ser, também, onde quer que seja a *portuguesa língua*, vetulo do pensamento, e o que temo na *mediocridade* dos meus conhecimentos de filologia vernácula.

VITOR MEIRELES

Em comemoração do centenário deste magno interprete da pintura brasileira, fez o Gremio realizar significativa homenagem. Ocupou a tribuna o consocio Paulo Prado Pereira, que proferiu brilhante alocução.

Ao terminar a leitura do seu trabalho, foi o orador alvo de vibrante salva de palmas, re-compensa merecida pelo modo com que se houve na apreciação da personalidade do insigne brasileiro.

CASA MATTOS

FERREIRA DE MATTOS & C.

Rua Ramalho Ortigão, 24

Tel. 2-3552 e 2-3353

Completo sortimento de artigos escolares desenho e pintura. Objetos para escritório, artigos religiosos etc.

Preferam sempre os mais afamados artigos marca ACADEMICO, cadernos, borrachas, lapis para cobrir e desenhlar, etc.

INSTITUTO DE

Ensino Secundario

R. do Ouvidor, 189

3.º e 4.º andar

Cursos de admissão e seriado oficializados vestibulares às Escolas Superiores

Cursos de revisão para 2ª época

DIRETOR

FREDERICO RIBEIRO

Não Compre moveis sem primeiro verificar os preços, vantagens, qualidades e estilos da

Casa Leão dos Mares

Que está vendendo com grande baixa nos preços linda sala de jantar - Estilo Moderno-de perfeito acabamento e com as melhores madeiras do País 6508

Não façam suas compras em primeiro verificar os novos preços, qualidade, estilos e vantagens.

LARGO DA LAPA, 32

Papeleria e Typographia

MASCOTTE

Fundada em 1910

Officinas de Encadernação e Pautação

Especialidade em Papéis de cartas, Livros de Contabilidade, Cartões de visita, Participações e Felicitações, Objectos para escriptorio, Desenhos e Presentes.

Cartões Postales e Artigos Escolares

ANTONIO BRUNO

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Rua do Ouvidor, 165

Entre Gonç. Dias e Uruguyana

TEL. 2-9049

RIO DE JANEIRO

Casa CRUZ

Rua Ramalho Ortigão, 26 e 28

Depositario dos afamados productos escolares marca SILHUETA; Cadernos de desenhlar BORDALLO, COLUMBANO e RAPHAEL; Lapis GUARANY, ITAMARATY. Para o Natal, o mais lindo sortimento em brinquedos, arvores e enfeites para as mesmas.

TIRADENTES

(CONCLUSÃO)

rica, quebrando as cadeias do cativo com esta insenção "Libertas ae quo spiritus" e que nenhuma inconveniência havia em que se adotasse a mesma Alvarenga Peixoto impregnou a lídela como pobre, Claudio propoz ainda a seguinte inscrição: "Aut libertas, aut nihil!" Alvarenga Peixoto propôs então o versículo de Virgílio: "Libertas que ne seri tamen!"

E os conjurados a aprovaram achando-a muito apropriada".

Meus senhores! Tiradentes não foi um Viriato, não foi um herói militar, foi mais do que isso. Só, suportou a fúria dos que governavam e mostrou-se satisfeito por não arrastar mais ninguém à morte. Merece ser lembrado como verdadeiro martir, herói, abnegado.

Merece uma grandiosa estatua, como o pastor lusitano Viriato, como que a atalaia da nossa liberdade e independência.

Altivamente subiu ao cadafal.

Morreu, mas suportou a culpa, quanto o pode a nobreza de um coração cristão e a grandeza d'alma de um conceito de suas idéas.

E' ainda Rocha Pombo quem o exalta.

"No meio de todas as alegrias daquela ressurreição, só o Tiradentes continuou" ilhado de mãos e pés", testemunhado lá da sua penumbra".

Logo depois.

"E' preciso recordar que o homem que vai para o patíbulo até a ultima hora se mostrou tão corajoso como contrito; e respondeu ao diretor que o confortava: "que a morrer agora chelo de prazer, pois não arrastava consigo tantos infelizes".

E para terminar repito a frase do acatado mestre:

"E' diante de uma figura desta ordem que muita gente ainda hoje ri".

JULIO SALEX

O DIA DA IMPRENSA

MENSAGEM RECEBIDA

"Exmo. srs. diretores de

"Clencelas e Letras"

Atenciosas saudações

No momento no qual, em todo o país, se comemora o Dia da Imprensa, não pôdem os diretores de "PRONOME" deixar passar o ensejo de enviar a esse distinto órgão de alunos do nosso tradicional estabelecimento de ensino mensagem em que vos desejam dizer os seus efusivos votos de congratulação pela passagem da data que mais alegremente deve soar aos corações daqueles que, como nós, trabalham na rude lide do jornalismo.

Colegas! o Dia da Imprensa simboliza o esquecimento das desavenças antigas, se, por ventura, as houve, a união, a cooperação. E, uma vez que já mais se deram dissensões entre nós e os periódicos do Colegio Pedro II, que o cooperação se torne um fato e que todos trabalhemos, que é o nosso, o engrandecimento, reunidos, para o ideal comum to moral, intelectual e mesmo material dos nossos companheiros de estudo!

Que o Dia da Imprensa seja, este ano, alvitreiro para o jornalismo de estudantes no Colegio Pedro II — são os votos dos diretores de "PRONOME".

Rio, 10 de setembro de 1932.

(a) Daniel Pena Araújo Reis, Anibal Barcelos e José Pereira Palmeira.

Aos distintos colégas, penhorados, agradecemos.

AUGUSTO COMTE

Sobre este vulto proeminente da Historia da Filosofia falou em entusiasmáticas palavras, o sr. J. G. de Araújo Jorge, cuja reputação como orador já se acha consumada. A personalidade do illustre morto foi brilhantemente focalizada por José Guilherme. Lembrou o orador a sua vida atribulada e consagrada ao culto da humanidade; a veneração por ele rotada à Mulher, personificada em Clotilde de Vaux; os frutos sazonados dos seus ensinamentos, que deram novo rumo à Filosofia. Ao terminar, foi calorosamente aplaudido e felicitado.

J. J. NUNES

Sobre esse illustre gramático lusitano, disse algumas palavras o sr. Silvio Elia. Ouvido atentamente, o aludido consorcio proferiu singela palestra, demonstrando-se na apreciação de J. J. Nunes como filólogo. Referiu as obras publicadas, os artigos de jornais e revistas, as outras produções menores, que atestam bem alto o valor do illustre morto. Finalizou, recordando os conhecidos versos de Camões, nos Lusitadas, que se adaptam como luva ao caráter perseverante do homenageado... esforço e arte vencem a Fortuna e o proprio Marte.

LUIZ CARLOS

Morreu Luis Carlos! O Poeta de Colunas!

Quando a noticia circulo um véu de tristeza toldou a alegria da cidade. Tão bom que ele era!

Os nossos intelectuais mergulharam na penumbra da melancolia. As moças sentiram a alma conflagrada. O coração da juventude bateu mais compassado. Ritmo da saudade!



Também no Gremio penetrou dolorosamente a noticia terrível. Luis Carlos era amigo do Gremio! Sabedor de que um pupilo de jovens, numa época de materialismo, procurava dedicar-se aos prazeres do espirito, correu em seu auxilio. E deu-nos livros! Deu-nos Colunas!

E, de repente a nossa Biblioteca de pequenina se tornou grande. Fez-se gigante.

E' que repousava então sobre as colossais colunas de um fino espirito...

E numa sessão do Gremio não houve ordem do dia. Falou-se de Luis Carlos.

Orlando Leal Carneiro que privava com o poeta, tomou a palavra.

E disse da vida de Luis Carlos. O Poeta engenheiro. Recordou o vate, através dos versos. Tratando de sua morte, contou-nos a sua vida.

Todos em silencio escutavam. Leão Carneiro comovia, Luis Carlos dominava.

E quando o orador acabou, a gente sentia perfeitamente que, Luis Carlos, ao entrar para a Academia, já era imortal!

Não, o poeta não se foi. Está na mente de cada um e no coração de todos nós.

Material Escolar
Villas Bóas & Cia.

Artigos para Desenho, Pintura, Engenharia, Escolas, Artes Decorativas e objetos para Escritório

R. 7 de Setembro, 219
FONE: 2-0832

FERNÃO DE MAGALHÃES

(Continuação da pag. anterior)

Estudando o assunto retirou-se de Portugal bem como Faleiro e Haro.

Ha quem diga que isto importou numa oferta feita pela Espanha, no entanto temos Pedro Martir que nos diz: "não como transfugo, mas renunciando á sua nacionalidade e adotando a espanhola com todas as formalidades legais", — "Duobus transfugis Portuacensibus a suo rege discedentibus".

Chegaram a Sevilha em 1517, onde Magalhães travou relações com Diogo Barbosa, vindo a casar-se com Beatriz, filha desse português. Fernão de Magalhães imaginou então uma viagem para chegar ás Molucas, reavendo-as.

Indo á corte de Espanha conseguiu autorização e auxilio, comprometendo-se a não sair do hemisferio espanhol, questão essa que fora estabelecida antes. Compunha-se a esquadra de 5 navios a saber: "Santo Antonio", "Trindade", "Conceição", "Vitoria" e "Santiago", comandados respectivamente por João de Cartagena, Magalhães, Quesada, Mendonça e Serrão.

Levaram alimento para 234 pessoas durante dois anos.

Portugal ao saber da expedição tratou de evita-la fazendo ofertas á Magalhães para que voltasse aos serviços de Portugal. Lançaram ainda mão de outros meios, porém Magalhães não faltou ao seu compromisso.

A 20 de Setembro partiu em Sanbicar de Barrameda e tendo dado as instruções necessarias seguiu para Tenerife e Cabo Verde. Foram detidos pelas calmarias havendo nessa ocasião uma conspiração a bordo, sendo Cartagena demittido e preso, ficando em seu lugar Coca.

Passou pelo Cabo Santo Agostinho. No Rio de Janeiro julgou haver uma passagem, o que foi verificado não ser fato.

Proseguiu a viagem no dia 10 de Janeiro, passando pelo Cabo Santa Maria e Foz do La Plata, achando tambem aí uma verosmelhança de passagem. O navio "Santiago" realizou uma exploração mas nada conseguindo.

O nome de Montevideo, foi dado por Magalhães.

D'áí para Sul, tempestades constantes o assaltaram parecendo querer assemelhar-se á revolta da natureza descontentamento intimo entre as tripulações dos navios.

Depois de São Lourenço, uma tremenda procela, os afastou da costa.

Note-se que Magalhães levava muito em conta a busca, o que nem todos os navegadores de então faziam.

Voltaram a ver a costa e a 31 de Março chegava ao Porto de São Julião. D'áí prenderam os marinheiros voltar. Magalhães citando o fato de Bartolomeu Dias e a audacia de bravos navegadores procurou comunicar-lhes o entusiasmo dizendo que voltar d'áí seria uma vergonha. Deviam ir pelo menos até onde fóra Vespuccio.

As suas palavras de coragem não conseguiram inflamar o coração dos seus companheiros. Continuaram as queixas e lamentos até que a 1.º de Abril rebentou a revolta. Cartagena comandava os revoltosos, tendo sido posto, por estes, em liberdade. Sustentaram luta, porém Magalhães com força e valentia subjugou-os e como resultado desse ato de desobediência, mandou executar varias decapitações, abandonando alguns homens nas praias do Porto de São Julião.

Ao fim de 4 meses e 24 dias recomeçou a viagem, não admitindo que lhe falassem em regressar.

Calçados Dados

(por pouco preço)

Encontram-se na
AFRICANA

— a —

12, Rua da Carioca, 12

Junto do Armazem do Leuvre

LEITERIA

"Minas e Rio"

Avenida Passos, 111
TELEF. 4-2350QUEIJO E MANTEIGA
DE BARBACENAMantem fabricação de DOCES,
BOLOS, etc., exclusivamente para
o consumo de sua freguezia.
Bolo de Petropolis,
Dondoca,
Almoço ligeiro, etc.

COLOMBINO

é a casa especial em
Sorvetes, Refrescos,
Sandwchs, e Bebidas
sem alcool

Dias & Pereira

Beco do Rozario, 3

(Junto ao Largo S. Francisco Paula)

RIO DE JANEIRO

NO MUNDO DOS LINOTIPOS

ATALAIA — Com a costumelra regularidade temos recebido essa brilhante publicação, dirigida por Zarur, Eremildo Salustiano e Carmindo. A simples citação desses nomes dispensa encomios ou louvores. O ATALAIA é um periódico que está fazendo uma trajetória de ouro.

PRONOME — Também nos enviaram os números publicados do mais antigo periódico do Externato os seus gentilíssimos diretores. Os melhoramentos e inovações que af se notam de numero a numero, bem demonstram de quanto são capazes os seus indefessos redatores. Basta lembrar o concurso da Princesa, que vem obtendo um exito sem precedentes. Como parabens, um "shake-hands".

A. E. I. — Temos sobre a nossa mesa de trabalho o ultimo número deste vitorioso órgão da imprensa israelita no Brasil. Di rigido por estudantes, na mór parte saídos desta Casa, A. E. I. por isso mesmo não podia deixar de colher os louros, que, tão raiosamente vem obtendo.

TACAPE — Muito nos penhorou a visita que nos fez o Taca-pe, órgão dos alunos do C. Nacional. De ótima feita material, ricamente colaborado, Taca-pe já não é mais promessa: fez-se vibrante realidade. Aos nove colegas Roberto Freire, Virgilio Alves, Ari de Azevedo e Galdeck, os mais sinceros votos de retumbante exito.

TAMOIÓ — Vai de vento em popa o Tamoió, publicação dos alunos do 1.º ano do Ginásio Bittencourt Silva de Niterói, fundado por Edalmir Gouvea. Muito nos agradou e impressionou o que temos, revelando-nos a capacidade preciosa dos jovens que o dirigem.

REVISTA DAS ESCOLAS — É-nos sumamente agradável registrar o aparecimento de uma revista interestudentina na imprensa caloca. Há muito que se ressentia o magisterio dessa falta. desaparecida agora. "Revista das Escolas", é, de fato, uma realidade alvareira. A sua frente se acham Aquiles Alves e Eugenio Bethencourt da Silva, persopagens de destaque no Liceo de Artes e Officíos, onde surgiu a vitoriosa publicação. Vallosos trabalhos enriquecem-lhe as páginas, como "O Ensino Noturno e a sua Liberdade" do prof. Godofredo Santos; "Para a minha ventura", de Ferreira Neto; "Problema Educacional" do prof. Ellisio Dantas; "A Questão do Geravdio" do Dr. Edmundo Silva", illustrado lente de português do Liceo (este no segundo número); e muitos outros.

Rejubilosos, apresentamos aos

CODIGO DO ESTUDANTE BRASILEIRO

I — O estudante brasileiro sabe que só se distingue do meio social pelas responsabilidades oriundas da cultura que recebe e das oportunidades que tem para prestar relevantes serviços á coletividade, cabendo-lhe a iniciativa ou cooperação nos movimentos em que a sua participação seja profícua.

II — O estudante brasileiro tem por primeira obrigação o zelo pelos seus estudos e a respeito honroso que troca pela delicadeza e devotamento dos mestres e superiores.

III — O estudante brasileiro tem como tema o ideal de SERVIR.

IV — O estudante brasileiro modela a sua personalidade na modestia, simplicidade, lealdade, cortezia e probidade.

V — O estudante brasileiro e o simbolo da COOPERAÇÃO.

VI — O estudante brasileiro compreende com tolerancia o que não lhe comungam as idéas ou praticas, não transigindo, porém, com os injustos, exploradores e espoliadores, contra os quais estará sempre em defesa dos pequenos, dos oprimidos dos desamparados.

VII — O estudante brasileiro e o vanguardeiro do aperfeiçoamento da raça, da grandza material, do progresso intelectual e do aperfeiçoamento moral do povo brasileiro.

VIII — O estudante brasileiro cultiva o nacionalismo como meio de atingir o conragamento universal.

IX — O estudante brasileiro é irmão dos moços que estudam e trabalham no mundo inteiro.

X — O estudante brasileiro sacrifica tudo em defesa destas afirmações.

É sempre uma grande alegria auscultar o sentimento e o pensamento da mocidade, principalmente da mocidade favorecida, que pode estudar e, sem duvida, conhece os seus deveres para com todos os jovens que, pelas circunstancias amargas da vida, foram sacrificados nas suas possibilidades de acrescimo intelectual.

Os estudantes que redigiram o Código acima, empregaram duas palavras profundamente importantes, na hora atual: *Servir e cooperar.*

Num país em que ainda há superstições de elite, e em que as recentes lutas e obras educacionais não aboliram de todo as presunções, o gosto do adjetivo e o delirio das vaidades, — uma juventude que se oferece para *Servir* assume um compromisso elevado com a opinião pu-

novos colegas os cumprimentos sinceros pela iniciativa grandiosa.

A todos os ofertantes, penhorados agradecemos.

O ENSAIO — Também dos alunos do Bittencourt da Silva nos chegou ás mãos esse festejado órgão. Com muita vida, repleto de colaborações, com agradável feitto material, é ótima publicação no género.

blica, e particularmente com seus companheiros de idade, que são também os seus companheiros de vida.

O compromisso de servir exige uma atenta vigilancia da parte de quem o afirma, e uma constante inquietação de agir. Não se serve só com intenções. Serve-se com a definição de atitudes, com a lealdade de pensamentos e palavras, com o esforço diario de despensalização, de humildade, de modestia, de verdadeiro e inabalavel amor.

Servir é, assim, a mais difficil das coisas. Mas também a mais bela de todas, pelo que representa de transfiguração do individuo, pelo que é para além dele, — nesse transbordamento de poderes que só os fortes, e os grandes e os eternamente juvenes corações conseguem ter.

Escolhendo essa palavra para seu lema, os estudantes brasileiros revelam o que os educadores sempre esperam da mocidade fervorosa: um desejo de trabalho eficiente e desinteressado, que encontra na propria sinceridade dos resultados que se verificarem, tanto os seus estímulos como a sua satisfação. Revelaram a sua independencia em relação a todas as banalidades presunçosas. Quereram ser simples e bons. Uma coisa que nem todos querem, e nem todos podem.

Por essa palavra, que assim escolheram para si mesmos, os estudantes do Brasil conquistaram um novo lugar na admiração dos que os contemplam. Nunca foi tão evidente a promessa evangelica: *servir* é a unica maneira de conquistar poderes maiores. E os estudantes saberão que esses poderes, vindos de um escudo tão nobre, não podem nunca traír sua origem, nem perder as virtudes que a mocidade de hoje reconhece necessarias ao mundo, e imprescindíveis ao equilibrio da sorte humana.

CÉCILIA MEIRELES

NOTA

Recebemos um trabalho sobre Vitor Meireles, de autoria do estimado consocio Paulo Prado Pereira, nosso companheiro de Redação, e, que só não publicamos por absoluta falta de espaço. Ao nosso presado colega, mil perdões.

CLUBE DE QUIMICA. CLUBE DE FILOSOFIA E CLUBE ESPORTIVO PEDRO II

É com a maxima satisfação que noticiamos a novel fundação dessas agremiações de alunos do Externato do Pedro II, que tem por fim levantar o nome do nosso Colégio cada vez mais.

Recebemos, ainda, uma circular da Secretaria a respeito duma subscrição entre os alunos para aquisição duma Bandeira Nacional, e que não publicamos, também, por falta de espaço.

FERNÃO DE MAGALHÃES

(CONCLUSÃO)

O "Santiago" foi enviado adiante para explorar a costa do Sul, e a 21 de Abril avistaram o Cabo das Virgens. Ai se lhe deparou o estreito a que deu o seu nome — uma travessia de 600 Kms. entre multidões de penhascos e ilhotas tendo em vista as faldas da cordilheira Sul-Americana. A principio as margens apresentavam-se aridas, sem accidentes naturais, mas aos poucos foram aparecendo montanhas escarpadas de granito, dando um conjunto selvagem á paisagem, avermelhada pelo efeito do fogo produzido nas praias pelos indigenas. Era a Terra do Fogo. O vento soprava do Oriente e o mar mui forte formava grandes vagas.

A travessia do estreito apresentou-se perigosa. Verificando que só havia alimento para 3 meses, Magalhães convocou os capitães, para saber qual as opiniões. O do "Santo Antonio" diz-lhe que seria mais conveniente voltar, para preparar uma nova esquadra. Mas num impeto de coragem Magalhães declara que não, sob pena de morte.

Os animos se exaltam, e, como resultado, acusam-no de louco, havendo a deserção do "Conceição".

Sente-se então quasi só deante dos seus inimigos. Mas mesmo assim decidido a continuar, redige uma circular pedindo a opinião por escrito. O astrónomo San Martim, embora indiretamente declara que é contra a continuação da viagem. Mas não, ele devia prosseguir e a 23 dá ordem de avançar chegando a 28 ao Cabo Desejado. Ao entrar no Oceano partiu para o Norte. O clima suave e bom desse mar, a que deve o seu nome de Pacifico era talvez a unica delicia para marinheiros que marchavam para o desconhecido, quasi sem alimento, saudosos dos lares.

Passou sem tocar em João Fernandez, Prumatu, Marquesas.

A 24 de Janeiro de 1521 encontrou uma ilha solitaria o que deu o nome de S. Paulo.

A fadiga e a mudança de temperatura acarretavam doenças, morrendo varios homens. Isso também contribuía para o desanimo dos marinheiros e nos diz o italiano Pigafetta, "que ninguém mais voltaria a fazer semelhante viagem".

Tendo passado pelo Equador, encontraram as ilhas de Guan e Santa Rosa, cujos habitantes eram extremamente audaciosos.

A N. N. do Suluan encontrou uma ilha cujo chefe era Zebu'. Magalhães combinou que se ele se fizesse cristão seria soberano das ilhas vizinhas, e em troca seria submetido ao soberano espanhol.

Começou então o movimento para a submissão das outras ilhas havendo lutas e destruições.

Os naturais da Ilha Matan recusaram-se a pagar o imposto em víveres, então Magalhães resolveu castigalos. Era mais um golpe da sua audacia, mas dessa vez, foi infeliz. Esquecendo todas as regras de prudencia não aceitando auxilio de Zebu' que já estava habituado á guerra com os vizinhos, meteu-se á luta. Mas apareceram-lhe 4000 guerreiros indigenas; e no meio dos gritos da população nativa e do entrechoque das armas mostrou a sua valentia. Por 2 vezes lhe caíu o elmo da cabeça até que foi ferido com uma flechada na coxa. Um indigena ainda o tocou no rosto mas pagou caro o seu feitto; Magalhães o trespassou com a sua lança. Sem forças para continuar, tendo já dado ordem de retirada, tentou desembarcar a espada mas uma lança certa e prostrou. Ao verem-no cair atiraram-se sobre ele aos golpes, roubando-lhe a vida.

E assim morreu Magalhães aos 40 anos, esse soldado valente e navegador immortal, homem que durante a vida sofreu com galhardia, não sucumbindo aos golpes dos inimigos do seu talento, mas heroicamente e como nos diz Pigafetta "mesmo morrendo presenciou o desastre, debaixo dos golpes dos feros dos indios, voltou varias vezes o rosto para nós, como para convencer-se que ficavamos a salvo, e como se somente resistisse para sacrificar-se por nós. Assim morreu o nosso exemplo, o nosso farol o nosso consolo e chefe lealissimo".

Talvez que ainda nesse ultimo olhar ele enviasse uma saudade á patria, e oferecesse á humanidade o seu ultimo sacrificio.